

Um museu a céu aberto na Floresta da Tijuca

Pesquisadores começam a restaurar o primeiro dos 130 sítios arqueológicos localizados no parque nacional

Fotos de Michel Filho

Paula Autran

• Os especialistas advertem: é uma espécie de extinção o que vem acontecendo na Floresta da Tijuca. Nada a ver com a fauna ou com a flora. A não preservação dos cerca de 130 sítios arqueológicos existentes no Parque Nacional da Tijuca, que completou 140 anos na semana passada, está fazendo desaparecer uma parte importante não apenas da história carioca, mas da do Brasil. Para recuperar as valiosas ruínas — principalmente de fazendas do primeiro e do segundo reinados — uma equipe de arqueólogos do Museu Nacional já está pondo mãos à obra: conseguiu junto a Fundação do Amparo à Pesquisa do Estado do Rio (Faperj) uma verba de R\$ 19 mil para iniciar os trabalhos que visam a transformar a floresta num museu a céu aberto.

— É o princípio. O resto da verba vem na sequência — diz a arqueóloga Maria de Lourdes Lemos, nascida e criada na região, acrescentando que o dinheiro será aplicado na recuperação das ruínas da casa de Beaurepaire-Ruan, perto da Capela Mayrink.

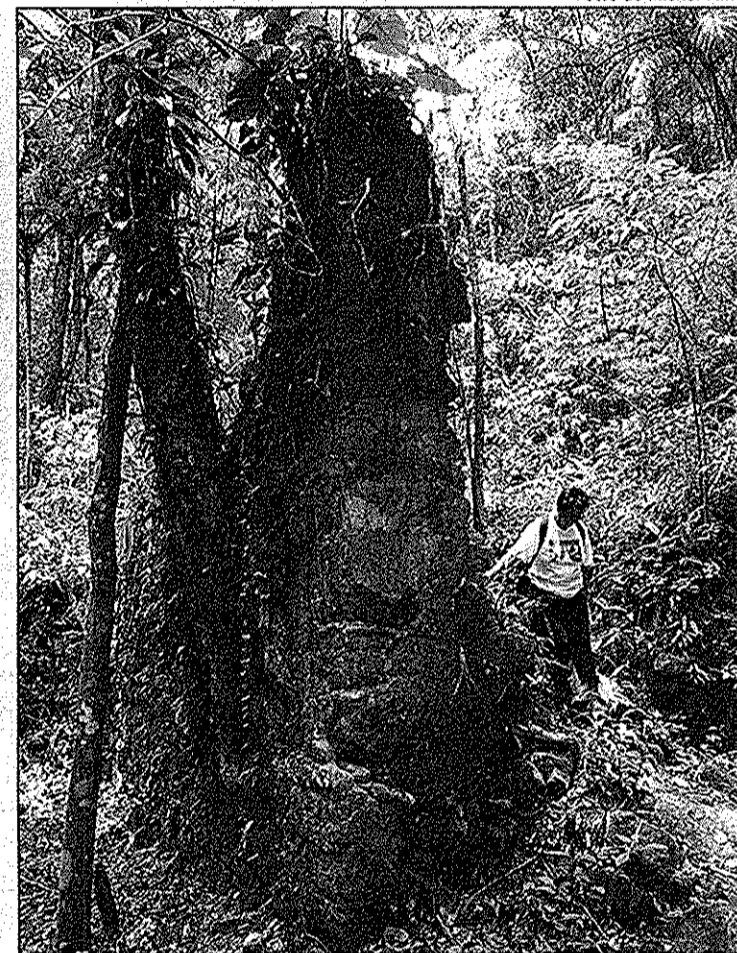
Imóvel de 1820 é um dos que estão em pior estado

A casa será restaurada primeiro por ser menor (necessitando de menos recursos que as demais) e de mais fácil acesso. Mas na floresta inteira há uma extensa lista de ruínas aguardando para serem recuperadas antes que desapareçam do mapa. Aliás, antes de entrarem no mapa: também faz parte do projeto da equipe do Museu Nacional localizar todas elas — por satélite, com o auxílio do Sistema de Posicionamento Global (GPS) — e incluí-las no roteiro de visita do parque.

Entre as maiores preocupações dos arqueólogos está o destino da casa de Luis Fernandes, um funcionário que auxiliou Luiz Pedreira de Magalhães a administrar o parque no século XIX. Construído por volta de 1820, o imóvel foi desapropriado em 1867 para o reflorestamento da região e está se desmoronando. Depois de um incêndio e de chuvas fortes como as que caíram em



A CASA DE Luís Fernandes está desmoronando depois de passar por um incêndio e duas chuvas fortes



A ARQUEÓLOGA Rhonedes Perez mostra as ruínas do Sítio Humaitá

Editoria de Arte

1996 e 1999, pouca coisa além dos pregos quadrados da época dos jesuítas e da escadaria de pedra seca do tempo dos escravos restou para contar a história.

Perto dali estão igualmente abandonadas as ruínas do Sítio Humaitá, comprado em 1850 pelo Barão do Bom Retiro para seu único filho homem que, pouco tempo depois, foi para a Guerra do Paraguai e acabou morrendo.

Acessos às ruínas também serão recuperados

Depois de concluído o trabalho de adequação das ruínas para visitação, os arqueólogos também pretendem melhorar os acessos a elas.

— Uma vez recuperados, estes sítios podem servir inclusive para sediar eventos culturais — planeja a também arqueóloga Rhonedes Aldora Perez, que coordena o projeto com Maria de Lourdes. — Com este trabalho, queremos revelar um outro lado da história do Brasil que não costuma ser contado. Não são só os bichos e as plantas que precisam ser preservados.

Conheça alguns sítios arqueológicos

O Parque Nacional da Tijuca é tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o que assegura a proteção de seus sítios arqueológicos, de acordo com o diretor-executivo do parque, Antônio Pedro Figueira de Mello. Em seus 33 quilômetros quadrados de área, há vestígios arqueológicos

desde a época em que a região era uma sesmaria dos jesuítas. Ao identificar e mapear as ruínas, a equipe do Museu Nacional (que conta ainda com historiadores, geógrafos, geólogos, arquitetos e engenheiros) quer dar continuidade às pesquisas realizadas na área do Parque Nacional da Ti-

juca pelo ecólogo Carlos Menezes Bandeira, morto no início da década de 90, que revelou cerca de cem sítios arqueológicos na região.

Ele foi o responsável pela localização de mais de 50 mil peças de importância histórica para a região, hoje guardadas no laboratório de arqueologia

histórica do Museu Nacional e à espera para serem recuperadas e catalogadas (o que Bandeira não chegou a fazer porque não era arqueólogo). Este trabalho será feito por uma equipe de 15 arqueólogos e 32 escoteiros (que já fazem a manutenção das trilhas) comandados pelo presidente do Centro Brasileiro de Arqueologia, Francisco Octávio Bezerra.

— Mas para isto vamos precisar de mais dinheiro. Cada máscara necessária para a limpeza das peças custa R\$ 62 — explica Bezerra.

Computação gráfica pode mostrar como eram prédios

A falta de verba não impede os arqueólogos da equipe de sonhar alto.

— Também pretendemos utilizar a computação gráfica para mostrar aos visitantes como eram os sítios antes da ação do tempo. Recuperá-los é uma forma de se estudar as técnicas de engenharia da época, o espaço de moradia e os utensílios utilizados por seus moradores. Todas estas coisas falam por si — conclui Maria de Lourdes. ■